

cinismo de los procesos de dominación social. De este modo la densidad del aspecto simbólico y su peso decisivo en estos procesos de opresión siguen siendo un elemento opaco y muchas veces paradójico. Allí es donde encuentran los más genuinos estudios culturales su campo de trabajo específico.

Alejandro Solomianski
California State University
Los Angeles

Cristina Ferreira Pinto. *Gender, Discourse and Desire in Twentieth-Century Brazilian Women's Literature*. West Lafayette, Ind. : Purdue University Press, c2004; 208 pp.

Nessas duas últimas décadas as investigações em torno da literatura brasileira de autoria feminina têm se multiplicado de forma significativa, alimentadas tanto pelo desejo de resgatar escritoras do passado que ficaram esquecidas às margens do cânone quanto de investigar e validar a produção de escritoras contemporâneas. Desvendar as singularidades dessa produção dando visibilidade às codificações de valor que operam na política da representação textual de modo a identificar as formas do diálogo que os textos estabelecem com seu tempo e lugar e, sobretudo, compreender até que ponto a literatura escrita por mulheres intervém nas ficções dominantes de identidade cristalizadas ao longo da história literária e da história de uma cultura tão patriarcal e conservadora quanto é a brasileira, têm sido um desafio. Pesquisadoras daqui e de lá, ao norte e ao sul do equador, têm se engajado nessa aventura e se surpreendido com descobertas que levam ao questionamento e deslocamento de sentidos naturalizados por saberes instituídos. Contudo —é importante que se faça essa ressalva— no quadro em que predominam estudos com ênfase em determinadas escritoras, ou na produção fe-

minina de determinados períodos, pode-se dizer que ainda são poucos os estudos de fôlego que, sustentados pelo viés crítico feminista, oferecem a amplitude histórica necessária para mapear continuidades e recorrências e, assim, asseverar a existência de determinados percursos, ou mesmo tradições, da literatura de autoria de mulheres.

Esse é, sem dúvida, um dentre os méritos do livro de Cristina Ferreira-Pinto, que há muito vem se dedicando ao estudo da literatura brasileira, em particular a de autoria de mulheres, como ilustra seu *O bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*, publicado em 1990. Dessa vez, seu estudo propõe a leitura de um *corpus* representativo da produção do século XX, a partir de critérios recortados por um eixo temático que lhe permite distinguir certas linhas de força dessa produção. Partindo da constatação de que essa literatura emerge na contra-mão de uma formação canônica centrada na produção literária e cultural masculina e que, nessa condição, desloca paradigmas da 'narrativa fundadora' no que concerne figurações do corpo, sexualidade e desejo femininos, Ferreira-Pinto examina as especificidades da representação de um erotismo feminino na poesia e na ficção de escritoras do século XX, começando com a poesia de Gilka Machado, do início do século, passando por Clarice Lispector, Lígia Fagundes Telles, Lya Luft e Helena Parente Cunha, até chegar à Hilda Hilst, Sonia Coutinho, Marilene Felinto, Edla Van Steen, Myriam Campello, Márcia Denser e Marina Colasanti. No adensamento de seu trabalho analítico, cuja ênfase recai na produção dos anos 80 e 90, a autora vai pontuando a utilização, de parte das escritoras, de certas estratégias discursivas, o que lhe permite evidenciar o quanto essa literatura, mesmo em sua heterogeneidade, constitui um discurso contra-ideológico em relação ao discurso dominante da ideologia patriarcal e masculinista, responsável

pela sedimentação na cultura e na literatura, de mitos culturais da femininidade que ainda permeiam o imaginário nacional através de sua disseminação, tanto na cultura popular quanto nos meios de comunicação de massa. Cabe destacar o fato de que a autora não somente tece relações de comparação –analogias e contrastes– entre os textos das escritoras mencionadas, mas também faz referências a nomes menos conhecidos, cujas obras se integram ao elenco da literatura brasileira do século passado.

Dividido em seis capítulos, *Gender, Discourse and Desire* deriva sua proposta de uma série de questões críticas norteadoras cujas premissas têm instigado grandes debates entre posições divergentes no feminismo teórico uma vez que articulam a problemática de onde e como reivindicar a especificidade. O que constitui o erotismo feminino nos textos das escritoras brasileiras, o que seria uma definição apropriada de erotismo e quais os problemas em torno da criação de um discurso erótico feminino são questões que inscrevem o campo da produtividade textual de subjetividades necessariamente no campo da cultura, do poder disciplinador de seus discursos e de seu regime de verdade. Isso implica acercar-se da própria herança cultural constelada nos discursos fundadores da identidade nacional no século XIX, movimento que Ferreira-Pinto realiza em seu primeiro capítulo embora o faça de forma um tanto quanto sucinta, particularmente na discussão do projeto romântico, cujo contexto histórico-político e seu impacto nas formas de organização da vida social do país fica basicamente reduzido à constituição de mitos culturais, considerados repositórios imagéticos do corpo feminino subordinado ao desejo masculino. Por outro lado, as análises elucidativas e convincentes de quatro romances canônicos de autores que balizam a literatura brasileira da segunda metade do século XIX –Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar,

Aluísio de Azevedo e Machado de Assis– comprovam o quanto as representações do feminino, em sua intersecção com questões de diferença racial e de classe social, desvelam uma política textual pautada num sistema rígido de gênero-raça e de hierarquia de classe e, portanto, imbricada com os padrões de violência e exclusão constitutivos do período de formação da cultura brasileira, padrões esses, via de regra, travestidos sob a forma dos mitos sedutores da brasilidade que vigoram no cenário nacional, como o da democracia racial, o da não violência e o da mulata sensual.

Nos capítulos subsequentes, Ferreira-Pinto percorre os caminhos da busca de um discurso erótico feminino, iniciando com a precursora da poesia erótica, Gilka Machado, cuja obra permaneceu na obscuridade por mais de cinquenta anos e que apenas de duas décadas para cá, graças aos esforços de feministas na academia, tem recebido a devida atenção crítica, o que ainda não significa que seu nome figure entre os nomes considerados canônicos, fato que pode ser atribuído ao conservadorismo do *establishment* crítico brasileiro, ainda muito avesso à crítica literária feminista. Aliás, a canonização de Julia Lopes de Almeida, também referida pela autora, é discutível, pois sua enorme produção romanesca, objeto de inúmeros trabalhos na última década, se situa à margem do cânone, particularmente se considerarmos a presença da escritora em obras de crítica e historiografia literária do passado e do presente como índice de legitimação. Creio que se pode considerar o caso de Lopes de Almeida como em processo de canonização. Também no referido capítulo, destacam-se as discussões sobre o erotismo como espaço de transgressão do binarismo que regula a expressão do desejo feminino e que levam a autora a fazer distinções pertinentes entre erotismo e pornografia bem como a estabelecer nexos entre o discurso erótico, em suas diferentes nuances

e modalizações, com temas da identidade e auto-affirmação femininas, tópica constante na produção a partir dos anos 70. As referências a obras individuais e coletivas que avançaram substancialmente no tratamento dado ao erotismo feminino funcionam, estrategicamente, como portais de acesso para análises pontuais, do ponto de vista da realização formal dos textos em foco, o que revela a dimensão das conquistas, inovações e também limitações textuais/autorais/sociais dentro de um contexto de pesado legado patriarcal, muito embora a autora faça referências à evolução de padrões comportamentais e de valores sociais desde a década de 60. A propósito, a reiterada designação do referido período pelos termos 'Revolução Cultural' (observe-se o uso das letras maiúsculas) é discutível uma vez que se trata de uma designação imprópria ao contexto brasileiro e totalmente deslocada de sentido político/ideológico convencionado por experiências históricas específicas.

A par de *insights* críticos em relação às diferenças entre os romances de Lya Luft e de Lygia Fagundes Telles e os contos de Sonia Coutinho, as discussões sobre o gótico, o fantástico e o grotesco como veículos para a representação do desejo feminino, nos capítulos 3 e 4, ficam prejudicadas por duas razões. Primeiramente, porque essas categorias, definidas superficialmente em poucos parágrafos, são trabalhadas quase que de forma a se tornarem superpostas e, nesse sentido, vão perdendo suas distinções conceituais ao longo das análises. Consequentemente, sua apropriação reverte num discurso crítico pouco claro como, por exemplo, há contradições entre a afirmação generalista de que o grotesco, como estratégia de auto-representação inscreve uma forma de autocensura e o grotesco visto como estratégia de uma representação positiva, de celebração da sexualidade, como quer a autora ao apontar a utilização da paródia em Sonia

Coutinho, a qual estaria a exigir uma leitura mais exploratória e amparada conceitualmente. Segundo, porque particularmente nesse capítulo, o discurso está marcado por expressões tais como 'condição humana', 'ser humano', 'crise do indivíduo', que soam como resquícios da crítica passada e não condizem com a orientação do discurso feminista adotado. No desdobramento do tema do erotismo e identidade, o capítulo 5 constitui, no meu entender, o segmento mais original do livro na medida em que postula, com a devida sustentação, a existência de uma tradição de literatura lésbica na literatura brasileira de autoria de mulheres, com destaque para as discussões em torno da própria dificuldade de se conceituar a categoria 'literatura lésbica', para as ponderações em torno da literatura e o contexto de repressão da sociedade colonial brasileira e para análises textuais insistentes sobre uma questão absolutamente marginalizada e que ainda agrega muitos preconceitos, não somente no campo dos estudos literários, mas no campo da cultura, de maneira geral. A originalidade do capítulo não o isenta, todavia, do risco de um certo essencialismo, decorrente do lugar onde a autora inscreve sua posicionalidade para enunciar o desejo lésbico na literatura como espaço para a expressão *autêntica* (o termo é da autora, o grifo é meu) da sexualidade feminina, ou da afirmação *libertadora* da sexualidade feminina, enunciados que se prestam a pressupor, tanto a negação de um dos impulsos fundacionais do feminismo utópico que é o deslocamento do binarismo de gênero através das transformações de homens e mulheres, quanto a aceitação da impossibilidade de auto-realização feminina no eixo da heterossexualidade, que pode não ser simplesmente compulsória, com toda a carga de negatividade que o atributivo denota, mas efeito de uma escolha. E é precisamente à luz da posicionalidade referida acima que o último capítulo, que versa

sobre a capacidade feminina de intervenção no campo da heterossexualidade na ficção de Márcia Denner e Marina Colasanti, perde força persuasiva. As interpretações são, no geral, perspicazes, mas alguns posicionamentos geram desconforto, particularmente diante de um discurso que reivindica o olhar *queer* como posição privilegiada na rejeição de categorias fixas de identidade, olhar que as mulheres na heterossexualidade poderiam imitar desde que engajadas, à maneira das lésbicas, nesse processo. Por que não um olhar feminista? Não é a rejeição de categorias fixas de identidade a pedra de toque do feminismo desde sempre?

Do ponto de vista formal/metodológico, o livro é organizado em torno do eixo unificador anunciado no título, com capítulos que desdobram o foco temático numa visão diacrônica do desenvolvimento da literatura de mulheres no século XX. Apresenta um ecletismo teórico, entendido aqui não no sentido da utilização de procedimentos analíticos orientados por diferentes teorias, mas no sentido da incidência de citações que aparecem a medida em que a leitura as solicita e que procedem de uma diversidade de lugares teóricos, cujas diferenças não são equacionadas com nenhum tipo de reflexão, o que pode ser considerado como uma postura acrítica em relação à teoria. Assim, compõem-se entre os nomes de críticos literários brasileiros e estrangeiros, nomes expoentes do campo da teoria contemporânea como Louis Althusser, George Bataille, Terry Eagleton, Michel Foucault, Hélène Cixous, Luce Irigaray, Adrienne Rich, Gloria Anzaldúa, Teresa De Lauretis, entre outros. Nesse horizonte de diferenças, o que causa maior estranhamento é o uso da obra de Georges Bataille como referência para uma abordagem do erotismo declinado no feminino uma vez que o contexto de suas reflexões sobre desejo e gozo ou *jouissance* assinala a presença de uma marca gendrada situada dentro da

economia do desejo masculino. É necessário frisar que o seu modelo de transgressão, em sua pretensão de universalidade, ou seja, de dizer sobre o desejo humano, subentende um outro, com uma cena de transgressão *sous rature* onde a profanação da mulher (ou a prostituição, para usar seu termo) já ocorreu e sobre a qual o modelo geral pode ser formulado. O aspecto inumano da atividade erótica está associado à ausência da mente racional, portanto, calcado no feminino que é apresentado como o objeto isolado da contemplação do *voyer*. Além disso, sua afirmação sobre a morte como dimensão da experiência erótica, citada pela autora, está associada a certos pressupostos sobre linguagem (descontinuidade) e silêncio (continuidade) concebidos dentro de um paradigma tradicional que só pode fazer sentido segundo a lógica de um pensamento masculinista que chegou ao seu limite e não consegue resolver e traduzir *jouissance* em termos de vida, como observa uma de suas estudiosas, a feminista francesa Annie Leclerc. Ainda na linha das molduras teóricas, não poderia deixar de pontuar a grande lacuna no livro de Ferreira-Pinto que é a ausência da conceituação de desejo. Pode-se inferir que o termo derive de uma apropriação freudiana uma vez que não há elementos que o aproximem do uso pós-estruturalista, isto é, do desejo como função psicolinguística, situada em termos de necessidade e demanda referenciado na psicanálise lacaniana. Mas mesmo em Freud, o sentido do desejo é perpassado pelo inconsciente e processos de recalamento e não pode ser facilmente assimilado apenas como gratificação física da libido. Utilizado por Ferreira-Pinto como um dos eixos temáticos, associado à representação de personagens definidos em termos de mulheres e homens, o termo desejo estaria mais associado a uma noção freudiana sobre a sexualidade, apropriada pelo senso comum, na qual o desejo está em relação direta com expressões da

sexualidade (gratificações eróticas) ou com o ato sexual, tanto no contexto do falocentrismo quanto fora dele. Em outras palavras, o sentido é restritivo, com raras exceções, como na leitura de Clarice Lispector na qual a autora qualifica o impulso erótico como energia psíquica investida na busca de auto-conhecimento e auto-consciência.

Teria sido muito produtivo se a autora tivesse explorado o porque das escritoras dos anos 80 e 90 como Helena Parente Cunha, Marilene Felinto e Márcia Denser não conseguirem resolver ambigüidades e impasses na representação do desejo feminino mesmo quando questionam a fundo as convenções de gênero e denunciam suas formas de socialização e cerceamento da consciência feminina com respeito a suas potencialidades e capacidade de ação enquanto sujeitos, individual e coletivamente falando. O fato de não apresentarem resoluções narrativas satisfatórias é uma questão crítica de extrema importância que remete às condições de possibilidades de seu tempo, ao modo de produção discursivo-ideológica da sociedade 'real' que tomam como referente, às questões não resolvidas, ou melhor, às dores da identidade/nacionalidade. Mas para que essa visada fosse possível, seria necessário um aprofundamento dos aspectos sócio-históricos e políticos da sociedade brasileira, sobre os quais há poucas pinceladas. A questão da emergência de um discurso pós-moderno contra-ideológico, tal como apontado pela autora, também mereceria ponderações de várias ordens que pudessem responder pelas especificidades estruturais da realidade brasileira e a relação problemática com o chamado pós-moderno.

Enfim, independentemente dos pontos discutíveis aqui levantados em relação a aspectos do livro de Cristina Ferreira-Pinto, cabe a ele o mérito de oferecer uma nova perspectiva sobre a produção de escritoras do século XX a partir de um tema atual que não só coloca em evi-

dência a existência — e a diferença — de uma tradição literária de mulheres no Brasil, mas também contribui sobremaneira para trazer ao debate a articulação de questões de gênero e sexualidade com a problemática de raça e classe, particularmente no contexto brasileiro, o que ainda constitui um terreno pouco explorado em termos de crítica literária, predominantemente territorializada na ideologia dominante do discurso patriarcal. É um estudo que, através de uma leitura cuidadosa e convincente dessa literatura, desvela a violência real e simbólica endêmica às formas de vida social, o que faz das lutas das mulheres pela expressão dos seus desejos tanto mais difícil quanto mais necessária e inevitável. Resta destacar a inclusão de um Apêndice com excelentes traduções das citações em português ao longo dos capítulos e, principalmente, de poemas de Gilka Machado e de Marina Colasanti, permitindo o acesso para falantes de língua inglesa.

Rita Terezinha Schmidt
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Brasil

Dante Milano. *Obra reunida*. (org. e estab. do texto: Sérgio Martagão Gesteira). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 530 pp. (Coleção Austrégisilo de Athayde, 21).

O poeta Dante Milano (1899-1991) tem, finalmente, sua *Obra reunida*, com a chancela definitiva da Academia Brasileira de Letras, no volume 21 da prestigiosa coleção Austrégisilo de Athayde. Organizada por Sérgio Martagão Gesteira, que também procedeu ao estabelecimento do texto, e com uma acurada apresentação crítica de Ivan Junqueira, o alentado volume de 532 páginas reúne toda a poesia do autor, além de traduções, prosa, textos sobre literatura, dois ensaios, algumas cartas e, ao final, uma bio-